



CENTRO UNIVERSITÁRIO META DO AMAPÁ
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

HELLEN CRISTINA RODRIGUES RIBEIRO

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E AUTONOMIA
DA PESSOA COM ALZHEIMER**

HELLEN CRISTINA RODRIGUES RIBEIRO

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E AUTONOMIA
DA PESSOA COM ALZHEIMER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado do Curso de
Bacharelado em Enfermagem do Centro
Universitário Meta do Amapá - CEUMAP,
como requisito parcial à obtenção do grau de
Bacharel em Enfermagem, sob a Orientação do
Prof. Esp. Pedro Henrique Mota Pelaes.

HELLEN CRISTINA RODRIGUES RIBEIRO

**O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E AUTONOMIA
DA PESSOA COM ALZHEIMER**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao Colegiado do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro Universitário Meta do Amapá como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem, sob a Orientação do Prof. Esp. Pedro Henrique Mota Pelaes.

FICHA DE AVALIAÇÃO

Data de aprovação: ____/____/____

Banca examinadora

Orientador

Prof. Esp. em Docência no ensino superior Saúde mental e psiquiatria Pedro Henrique
Mota Pelaes Centro Universitário Meta do Amapá

1º. Avaliador

Prof. Esp. Em Docência no ensino superior Letícia Oliveira
Centro Universitário Meta do Amapá

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente este trabalho a Deus e à espiritualidade que me guia, por iluminarem meus caminhos e me concederem força, fé e sabedoria durante toda esta jornada. A fé e os guias foram o alicerce que sustentaram meus passos e me mostraram que mesmo na dor há aprendizado, e que a vida sempre nos ensina quando estamos dispostos a ouvir.

Dedico à minha mãe, por ser meu porto seguro e meu maior exemplo de amor, coragem e entrega. Aos meus irmãos, que estiveram comigo nas lutas e nas conquistas, e que fazem parte de tudo o que sou.

Dedico também ao Leandro, que quando eu ainda não sabia ler, teve a paciência e a generosidade de me ensinar. Foi através dele que compreendi o poder da educação e percebi que ela não forma apenas profissionais, mas seres humanos melhores, mais conscientes e mais preparados para viver.

Este trabalho é, sobretudo, uma homenagem ao meu avô, que partiu durante o meu sétimo semestre, vítima da Doença de Alzheimer. Acompanhar sua luta e o impacto que a doença causou na minha família despertou em mim o desejo de entender e transformar a dor em conhecimento. Este estudo nasceu da saudade e da vontade de ressignificar a ausência, tornando o amor que ficou em algo que pudesse tocar e ajudar outras vidas.

Dedico também a todas as pessoas que fizeram parte da minha história, nas chegadas, nas partidas e nos reencontros. Cada uma deixou em mim um pedacinho de aprendizado, um traço de coragem e um motivo para continuar.

E, por fim, dedico a mim mesma, à mulher que caminhou sob tanto sol, que enfrentou o medo, o cansaço e a dúvida, mas permaneceu. Dedico àquela que chorou, mas seguiu; que caiu, mas se levantou; que acreditou quando tudo parecia desabar. Dedico à minha força, à minha fé e à minha capacidade de renascer todas as vezes que a vida pediu.

Este trabalho é a síntese de tudo o que sou: fé, dor, amor e resistência. Que ele represente não apenas uma conquista acadêmica, mas também a prova de que nenhuma caminhada é em vão, e que mesmo sob o peso do sol, sempre há um novo amanhecer.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Universitário Meta, expresso minha profunda gratidão pela oportunidade de formação e crescimento. Agradeço a todos os professores que contribuíram com sua sabedoria, dedicação e humanidade, ajudando a moldar não apenas a profissional, mas também a mulher que hoje me torno.

À professora Tarciane Miranda Pires da Costa, minha eterna gratidão por ter sido um verdadeiro pilar ao longo dessa jornada. Nos momentos em que pensei em desistir, em meio às crises de ansiedade e aos desafios pessoais, foi ela quem me ouviu, me orientou e me deu segurança para permanecer firme. Quando meu avô estava doente, suas palavras e seu acolhimento me ajudaram a encontrar serenidade e força. Levo comigo seus ensinamentos e o exemplo de empatia e humanidade que ela representa.

Ao professor Pedro Henrique Mota Pelaes, meu orientador, agradeço por sua paciência, dedicação e sensibilidade. Sua orientação foi essencial não apenas para a construção deste trabalho, mas também para o meu crescimento pessoal. Nos momentos em que me senti sem chão, diante de dificuldades e perdas, foi ele quem me guiou com sabedoria, me ajudando a reencontrar o propósito e a confiança para seguir.

Ao professor Álvaro Augusto Ribeiro D'Almeida Couto, que atuou como orientador metodológico disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, agradeço por ter conduzido com clareza e compromisso as etapas iniciais deste projeto. Sua orientação e incentivo foram fundamentais para que este estudo fosse desenvolvido com segurança e coerência.

Por fim, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, fizeram parte desta caminhada, familiares, amigos e colegas. Cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada demonstração de afeto contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E AUTONOMIA DA PESSOA COM ALZHEIMER

Hellen Cristina Rodrigues Ribeiro¹, Pedro Henrique Mota Pelaes².

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro Universitário Meta do estado do Amapá (CEUMAP), Macapá-AP, Brasil.² Enfermeiro. Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro Universitário Meta do Amapá (CEUMAP), Macapá-AP, Brasil. Orientador.

RESUMO

Objetivo: Analisar o papel da enfermagem na promoção da dignidade e da autonomia da pessoa com Doença de Alzheimer. **Métodos:** Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada a partir de artigos científicos e produções acadêmicas que abordam envelhecimento, Alzheimer, cuidado humanizado e práticas de enfermagem. Os materiais foram selecionados nas principais bases de dados da área da saúde, considerando produções que discutem intervenções de enfermagem voltadas à pessoa idosa com Alzheimer. **Resultados:** A análise evidenciou que a enfermagem desempenha papel fundamental na manutenção da autonomia possível em cada estágio da doença, por meio de práticas fundamentadas na ética, na bioética e no cuidado centrado na pessoa. As intervenções de enfermagem associadas ao respeito à individualidade, ao acompanhamento contínuo e à orientação familiar contribuíram para o bem-estar do paciente, além de reduzirem a sobrecarga dos cuidadores. Observou-se também que estratégias humanizadas promovem maior conforto, segurança e dignidade à pessoa acometida, mesmo diante da progressiva perda funcional característica da doença. **Conclusão:** Conclui-se que a atuação da enfermagem é essencial para a preservação da dignidade e da autonomia da pessoa idosa com Alzheimer, sendo indispensável tanto na assistência direta quanto no apoio à família e na promoção de práticas humanizadas.

Palavras-chave: Alzheimer; autonomia; cuidado humanizado; dignidade; enfermagem.

O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E AUTONOMIA DA PESSOA COM ALZHEIMER

Hellen Cristina Rodrigues Ribeiro¹, Pedro Henrique Mota Pelaes².

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro Universitário Meta do estado do Amapá (CEUMAP), Macapá-AP, Brasil.² Enfermeiro. Docente do curso de Bacharelado em Enfermagem, Centro Universitário Meta do Amapá (CEUMAP), Macapá-AP, Brasil. Orientador.

ABSTRACT

Objective: To analyze the role of nursing in promoting dignity and autonomy in individuals with Alzheimer's disease. **Methods:** This study is a literature review based on scientific articles and academic publications addressing aging, Alzheimer's disease, humanized care, and nursing practices directed toward older adults. The materials were selected from major health databases, considering studies that discuss interventions aimed at preserving autonomy and ensuring qualified care for individuals with Alzheimer's disease. **Results:** The analysis showed that nursing plays a fundamental role in maintaining the level of autonomy possible at each stage of the disease through practices grounded in ethics, bioethics, and person-centered care. Nursing interventions focused on individuality, continuous follow-up, and family guidance were shown to contribute to patient well-being and reduce caregiver burden. The findings also indicated that humanized strategies promote comfort, safety, and dignity for affected individuals, despite the progressive functional decline characteristic of the disease. **Conclusion:** It is concluded that nursing is essential in preserving the dignity and autonomy of older adults with Alzheimer's disease, playing a crucial role in direct care, family support, and the promotion of humanized practices.

Keywords: Alzheimer's disease; autonomy; dignity; humanized care; nursing.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é um fenômeno que vem se acentuando nas últimas décadas em todo o mundo, resultado de avanços nas condições de vida, na medicina preventiva e nas políticas públicas de saúde. No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas idosas cresce de forma acelerada, e as projeções indicam que, nas próximas décadas, haverá mais idosos do que jovens em idade ativa. Esse aumento na longevidade, embora represente uma conquista social, traz consigo novos desafios, entre eles o avanço das doenças crônico-degenerativas, como a Doença de Alzheimer (DA), que é considerada a principal causa de demência em idosos (RIBEIRO, 2010).

A Doença de Alzheimer é uma condição neurodegenerativa progressiva que afeta as funções cognitivas, comprometendo a memória, o raciocínio, a linguagem e o comportamento. Com o passar do tempo, o indivíduo acometido perde a capacidade de realizar tarefas simples, tornando-se gradualmente dependente dos cuidados de outras pessoas. Burlá et al. (2014) explicam que, além das perdas cognitivas, a doença traz impactos emocionais e sociais profundos, tanto para o paciente quanto para seus familiares e cuidadores, que enfrentam sobrecarga física, mental e financeira.

O processo de cuidar de um paciente com Alzheimer vai muito além do cumprimento de rotinas e da aplicação de técnicas. Exige sensibilidade, empatia, escuta ativa e compromisso ético, aspectos que estão diretamente relacionados à essência da enfermagem. Souza et al. (2005) definem o cuidado como um ato humano que ultrapassa a dimensão técnica e se fundamenta em valores éticos e espirituais. Assim, o enfermeiro, enquanto profissional responsável por assistir, orientar e acolher, tem papel fundamental na preservação da dignidade e autonomia do paciente, mesmo quando as limitações impostas pela doença reduzem sua capacidade de decidir e agir por conta própria.

A dignidade humana é um princípio universal e inalienável que deve permear todas as práticas de saúde. Promover a dignidade significa reconhecer o valor intrínseco do ser humano, independentemente de sua condição física, mental ou social. Para Burlá et al. (2014), o respeito à dignidade é também uma forma de combater a desumanização e o preconceito associados à velhice e à doença mental. Nesse contexto, a enfermagem, por sua proximidade com o paciente, torna-se mediadora entre o cuidado técnico e o

cuidado humano, transformando a prática assistencial em um espaço de valorização da vida.

A autonomia, por sua vez, representa a capacidade do indivíduo de tomar decisões sobre sua própria existência. No caso do paciente com Alzheimer, essa autonomia é gradualmente comprometida, o que exige do profissional de enfermagem estratégias que preservem o máximo possível da independência do paciente. Krug et al. (2015) ressaltam que é possível estimular a autonomia por meio de ações terapêuticas simples, como incentivar a participação em atividades cotidianas, respeitar preferências pessoais e garantir a comunicação clara e respeitosa.

O enfermeiro, nesse processo, atua não apenas como executor de cuidados, mas como agente ético, educador e defensor dos direitos do paciente. Segundo Ramos, Bampi e Lunardi (2018), o profissional de enfermagem deve assegurar que a pessoa em tratamento tenha suas vontades consideradas, mesmo quando a capacidade de decisão é limitada. Essa postura reforça o compromisso da enfermagem com os princípios da bioética, autonomia, beneficência, não maleficência e justiça, que orientam a conduta ética no cuidado à saúde.

Além disso, é importante reconhecer que a atuação do enfermeiro vai além do campo assistencial, abrangendo dimensões educativas e sociais. Bueno e Queiroz (2006) defendem que a enfermagem precisa fortalecer sua autonomia profissional para atuar com mais liberdade, segurança e senso crítico. A consolidação dessa autonomia, segundo Petry et al. (2019), está diretamente ligada ao reconhecimento social da profissão e à valorização do saber científico que sustenta suas práticas.

Desse modo, cuidar de uma pessoa com Alzheimer é um ato de compromisso ético e humano que requer preparo técnico e sensibilidade emocional. O enfermeiro, como profissional mais próximo do paciente e de sua família, é o elo entre a assistência médica e o cuidado afetivo, devendo atuar com empatia, respeito e compreensão. O cuidado humanizado deve ser pautado na escuta, no acolhimento e na valorização das experiências subjetivas do paciente, pois, mesmo diante da perda cognitiva, ele continua sendo um ser de sentimentos, histórias e afetos.

Diante disso, compreender o papel da enfermagem na promoção da dignidade e da autonomia da pessoa com Alzheimer é essencial para aprimorar as práticas de

cuidado e fortalecer os princípios éticos que regem a profissão. Este trabalho tem como objetivo analisar a atuação do enfermeiro na promoção da dignidade e autonomia do paciente com Alzheimer, à luz da bioética e do cuidado humanizado, ressaltando a importância da sensibilidade e da responsabilidade social na prática profissional.

Espera-se que este estudo contribua para a reflexão crítica sobre o papel do enfermeiro como agente transformador do cuidado, reafirmando a importância da empatia, do respeito e da valorização da vida em todas as suas fases.

REFERENCIAL TEÓRICO

O ENVELHECIMENTO E A DOENÇA DE ALZHEIMER

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que traz consigo desafios relacionados à saúde pública, especialmente o aumento das doenças crônico-degenerativas, como a Doença de Alzheimer. Essa patologia é uma das principais causas de declínio cognitivo em idosos, comprometendo diretamente a autonomia, a identidade e a dignidade do indivíduo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), o Alzheimer é responsável por cerca de 60% a 70% dos casos de demência no mundo, afetando mais de 55 milhões de pessoas globalmente. No Brasil, estima-se que aproximadamente 1,2 milhão de pessoas vivam com Alzheimer, com cerca de 100 mil novos casos por ano (EBC, 2023). O Ministério da Saúde (2024) informa ainda que 8,5% da população com 60 anos ou mais apresenta algum tipo de demência, o que representa cerca de 1,8 milhão de brasileiros, e esse número tende a triplicar até 2050, segundo a Federação Brasileira das Associações de Alzheimer (FEBRAZ, 2024).

Esses dados revelam a magnitude do problema e reforçam a importância de ações integradas na área da saúde, especialmente no campo da enfermagem, voltadas para a promoção da dignidade e da autonomia das pessoas acometidas pela doença.

A CONTRIBUIÇÃO DO DSM-5 PARA A COMPREENSÃO DA DOENÇA DE ALZHEIMER

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014), a Doença de Alzheimer

é classificada dentro dos Transtornos Neurocognitivos, sendo denominada Transtorno Neurocognitivo Maior ou Leve devido à Doença de Alzheimer. Essa definição substitui o termo “demência”, destacando a perda progressiva das funções cognitivas e funcionais, que interfere diretamente na capacidade do indivíduo de manter sua independência e dignidade.

O DSM-5 descreve que o início da doença é insidioso e de progressão gradual, caracterizado por perda de memória recente, dificuldade de aprendizado e declínio das funções executivas. Com a evolução, há comprometimento da linguagem, atenção, julgamento e orientação espacial, resultando em maior dependência nas atividades diárias. O manual destaca que essas alterações decorrem da degeneração das células nervosas no hipocampo e no córtex cerebral, estruturas responsáveis pela memória e pelo pensamento (APA, 2014).

Além dos aspectos cognitivos, o DSM-5 enfatiza que os sintomas emocionais e comportamentais como apatia, ansiedade, depressão e irritabilidade, são comuns nas fases iniciais e exigem atenção integral da equipe de enfermagem. Assim, compreender a Doença de Alzheimer sob a ótica do DSM-5 permite ao enfermeiro planejar cuidados individualizados e humanizados, adaptados a cada estágio evolutivo da doença.

SINAIS E SINTOMAS DA DOENÇA DE ALZHEIMER

A Doença de Alzheimer manifesta-se de forma progressiva e contínua. Nos estágios iniciais, há esquecimentos leves, dificuldade em lembrar eventos recentes e redução da capacidade de concentração. Conforme a doença avança, surgem dificuldades de linguagem, perda da noção temporal e espacial, alterações no raciocínio lógico e dificuldades para realizar tarefas cotidianas (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

De acordo com Safiri et al. (2024), o Alzheimer pode ser dividido em três estágios clínicos: leve, moderado e grave. No estágio leve, predominam a amnésia e a lentificação do pensamento; no estágio moderado, há agitação, desorientação e dificuldades de comunicação; e no estágio grave, o paciente perde a capacidade de se comunicar e de realizar atividades básicas, necessitando de cuidados contínuos.

Bature et al. (2017) destacam ainda os sintomas não cognitivos, como apatia, depressão, ansiedade, irritabilidade e agressividade, que afetam não só o paciente, mas também os familiares e cuidadores. Esses sintomas, conhecidos como comportamentais e psicológicos da demência, exigem da enfermagem uma abordagem empática, paciente e ética, que acolha tanto o indivíduo quanto sua rede de apoio.

Segundo Freire et al. (2025), reconhecer precocemente esses sinais é fundamental para o planejamento de intervenções preventivas e terapêuticas. O enfermeiro, ao observar mudanças sutis no comportamento e na cognição, desempenha papel essencial na promoção da dignidade, autonomia e conforto da pessoa com Alzheimer.

Assim, compreender os sinais e sintomas do Alzheimer não apenas fundamenta a prática clínica, mas também fortalece o papel ético e social da enfermagem. O conhecimento técnico aliado à sensibilidade humanizada é o que permite transformar o cuidado em um ato de respeito, empatia e amor, princípios que devem guiar toda assistência à pessoa com Doença de Alzheimer.

DIGNIDADE HUMANA: O CENTRO DO CUIDADO

A dignidade humana é um valor universal e inalienável, reconhecido como princípio fundamental da ética e da bioética. Cuidar com dignidade significa respeitar o valor da vida em todas as suas formas, compreendendo o ser humano como alguém que merece respeito, mesmo em condições de fragilidade. No caso da Doença de Alzheimer, preservar a dignidade do paciente é um desafio constante, pois a perda da memória e da autonomia pode levá-lo à despersonalização e à exclusão social.

Souza et al. (2005) definem o cuidado como um ato de solicitude e empatia, que ultrapassa os procedimentos técnicos e alcança a dimensão humana. Cuidar com dignidade é escutar, acolher e reconhecer o outro como um ser dotado de história, sentimentos e direitos. Para o enfermeiro, esse olhar humanizado é essencial, pois o Alzheimer não apaga o valor do indivíduo, apenas transforma a forma como ele se relaciona com o mundo.

Ramos, Bampi e Lunardi (2018) reforçam que respeitar a dignidade do paciente é garantir-lhe o direito de ser ouvido e de participar, dentro de suas possibilidades, das

decisões sobre o próprio cuidado. Essa postura ética fortalece o vínculo entre o enfermeiro e o paciente, tornando o processo de cuidado mais humano e menos mecanizado.

Cuidar com dignidade também envolve oferecer apoio à família, que muitas vezes sofre tanto quanto o paciente. O enfermeiro deve atuar como mediador, orientando e confortando, de modo que o cuidado se estenda a todos os que vivenciam a doença. Essa é uma forma de transformar o ambiente de sofrimento em um espaço de empatia e solidariedade (BUENO; QUEIROZ, 2006).

AUTONOMIA E CUIDADO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

A autonomia é o direito do indivíduo de tomar decisões sobre sua própria vida, e deve ser respeitada em todas as fases do cuidado. Na Doença de Alzheimer, esse princípio ganha relevância, pois a degeneração cognitiva reduz gradualmente a capacidade do idoso de decidir por si mesmo. Ainda assim, é possível preservar parte da autonomia do paciente, estimulando sua participação em atividades cotidianas e valorizando suas preferências (BURLÁ et al., 2014).

Mesmo diante das limitações impostas pela doença, o enfermeiro pode estimular o idoso a realizar pequenas escolhas, como decidir o que vestir, ajudar em tarefas simples ou participar de atividades de lazer. Essas ações, embora simbólicas, contribuem para a manutenção da autoestima e reforçam o sentimento de pertencimento. A valorização da autonomia mantém viva a dignidade e a identidade do paciente, mostrando que ele continua sendo sujeito de sua própria história (KRUG et al., 2015).

A autonomia também se aplica à profissão de enfermagem. Um enfermeiro autônomo é aquele que tem liberdade técnica e ética para planejar e executar o cuidado de forma segura e fundamentada. O fortalecimento dessa autonomia é essencial para que o profissional possa exercer plenamente sua função, tornando-se protagonista na assistência e defensor dos direitos do paciente (BUENO; QUEIROZ, 2006).

Além de preservar a independência do paciente, a autonomia profissional permite ao enfermeiro desenvolver um olhar crítico e reflexivo sobre sua prática. Isso favorece a tomada de decisões éticas e fortalece o cuidado humanizado, que deve ser o eixo central da atuação de enfermagem (PETRY et al., 2019).

O PAPEL HUMANIZADO DA ENFERMAGEM NO CUIDADO À PESSOA COM ALZHEIMER

A enfermagem é a profissão que mais se aproxima do ser humano em situação de vulnerabilidade. No cuidado ao paciente com Alzheimer, o enfermeiro precisa unir conhecimento técnico, sensibilidade e empatia, compreendendo que o cuidado ultrapassa a dimensão física e alcança o emocional e o espiritual. Cuidar é, antes de tudo, um ato de presença, e essa presença faz diferença em cada gesto e palavra.

O enfermeiro deve atuar como mediador entre o paciente, a família e a equipe multiprofissional, garantindo que o cuidado seja integral e respeitoso. Essa mediação requer paciência, escuta e equilíbrio emocional, pois o sofrimento causado pelo Alzheimer não afeta apenas o paciente, mas todo o ambiente familiar. A humanização do cuidado é o que transforma esse processo em uma experiência mais leve e digna (RAMOS; BAMPI; LUNARDI, 2018).

Além do cuidado direto, o enfermeiro tem a responsabilidade de educar e orientar os cuidadores, ajudando-os a lidar com as dificuldades e a compreender o avanço da doença. Essa dimensão educativa faz parte do compromisso ético da enfermagem, que busca promover não apenas a saúde, mas também o bem-estar coletivo. O cuidado humanizado é, portanto, uma forma de resistência contra a desumanização que muitas vezes permeia o ambiente hospitalar (PETRY et al., 2019).

O enfermeiro é aquele que acolhe o sofrimento do outro e o transforma em propósito. Na Doença de Alzheimer, ele é a voz que protege o silêncio do paciente e o olhar que enxerga dignidade onde muitos veem apenas perda. A enfermagem, nesse contexto, representa o elo entre a ciência e o amor, reafirmando que cuidar é um ato de vida.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, método que possibilita a síntese de conhecimentos e a análise crítica de produções científicas relevantes, permitindo uma compreensão ampliada do estado atual da temática investigada. Conforme Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa permite a reunião de estudos com diferentes delineamentos metodológicos, oferecendo ao

pesquisador uma visão ampla, organizada e aprofundada do fenômeno estudado.

Essa tipologia foi escolhida por possibilitar a integração de evidências científicas nacionais e internacionais acerca da atuação da enfermagem na promoção da dignidade e da autonomia da pessoa com Doença de Alzheimer, contemplando aspectos técnicos, éticos e humanizados do cuidado.

A busca dos estudos foi realizada no período de junho a novembro de 2025, nas bases de dados SciELO, LILACS, BDENF e PubMed, utilizando-se os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “Doença de Alzheimer”, “Cuidados de Enfermagem”, “Dignidade Humana” e “Autonomia Pessoal”. Os descritores foram combinados por meio do operador booleano AND, empregando-se as seguintes estratégias de busca: “Doença de Alzheimer AND Enfermagem”, “Alzheimer AND Dignidade Humana” e “Alzheimer AND Autonomia”.

Inicialmente, foram identificados 112 artigos nas bases de dados consultadas. Após a leitura dos títulos e resumos, 67 artigos foram excluídos por não apresentarem relação direta com o objetivo do estudo. Em seguida, 18 artigos foram excluídos por duplicidade.

Dessa forma, 27 artigos foram selecionados para leitura na íntegra, dos quais 15 atenderam plenamente aos critérios de inclusão, compondo a amostra final desta revisão integrativa.

Os critérios de inclusão adotados foram: artigos disponíveis na íntegra, publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol, no período compreendido entre 2015 e 2025, e que abordassem diretamente a atuação da enfermagem na promoção da dignidade e da autonomia da pessoa com Doença de Alzheimer. Como critérios de exclusão, consideraram-se estudos duplicados, publicações fora do recorte temporal estabelecido, artigos de revisão, editoriais, teses, dissertações e aqueles que não respondiam ao objetivo proposto.

Os quantitativos referentes às etapas de identificação, exclusão e seleção dos estudos estão apresentados na Tabela 1

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da revisão dos artigos selecionados, observou-se que a Doença de Alzheimer permanece como uma das condições neurodegenerativas de maior impacto para a saúde pública e para a prática da enfermagem. Diversos estudos reforçam que a progressão gradual e irreversível da doença compromete não apenas as funções cognitivas, mas também as relações sociais e afetivas do indivíduo, exigindo uma assistência pautada na empatia, no respeito e na manutenção da dignidade humana (BURLÁ et al., 2014; FREIRE et al., 2025).

A literatura analisada aponta que o enfermeiro desempenha papel fundamental na detecção precoce dos sinais clínicos da Doença de Alzheimer e no acompanhamento contínuo do paciente e de sua família. Segundo Mendes et al. (2016), o cuidado exercido pelo enfermeiro deve ultrapassar as ações técnicas, envolvendo também o suporte emocional e educativo, com vistas a minimizar o sofrimento e promover qualidade de vida. Essa atuação requer preparo técnico, escuta ativa e sensibilidade, principalmente diante das limitações cognitivas e funcionais impostas pela doença.

Os estudos também evidenciam que, embora a perda de memória e o declínio cognitivo sejam as manifestações mais conhecidas, os sintomas comportamentais e psicológicos, como apatia, irritabilidade, depressão e agitação, representam desafios significativos no cuidado diário (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; SAFIRI et al., 2024). Nessas situações, a enfermagem se torna essencial na identificação precoce das mudanças de comportamento e na aplicação de estratégias de cuidado humanizadas, que reduzam a ansiedade e o sofrimento tanto do paciente quanto dos familiares.

De acordo com Petry et al. (2019) e Ramos et al. (2018), a enfermagem é a categoria que mais mantém contato direto com o paciente e, por isso, assume o papel de mediadora entre o indivíduo, a equipe multiprofissional e a família. Isso requer não apenas conhecimento técnico, mas também o reconhecimento do paciente como sujeito de direitos, valorizando sua autonomia e individualidade mesmo diante da deterioração cognitiva.

Os achados de Anjos et al. (2022) e Silva et al. (2023) reforçam que a

autonomia pode e deve ser estimulada nas fases iniciais do Alzheimer, com práticas que promovam a independência em pequenas tarefas e o envolvimento do paciente nas decisões sobre seu próprio cuidado. À medida que a doença progride, a enfermagem assume papel ainda mais relevante no acolhimento e orientação dos cuidadores, prevenindo sobrecarga física e emocional.

Outro ponto de destaque é a importância do apoio familiar e comunitário. A literatura mostra que o suporte emocional e a educação dos cuidadores reduzem significativamente os níveis de estresse e melhoram a adesão ao tratamento. Nesse contexto, o enfermeiro atua como educador em saúde, fornecendo orientações sobre manejo de sintomas, cuidados com medicação, higiene, alimentação e segurança no ambiente doméstico (MENDES et al., 2016; FREIRE et al., 2025).

Além disso, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014) reforça que o diagnóstico precoce e a compreensão da natureza progressiva da doença são fundamentais para planejar estratégias de cuidado que mantenham o máximo de funcionalidade e dignidade possível. Essa visão dialoga diretamente com o papel ético da enfermagem, que é o de preservar a identidade e a humanidade do paciente, mesmo quando suas capacidades cognitivas já estão comprometidas.

Assim, os resultados apontam que o cuidado de enfermagem na Doença de Alzheimer vai além do aspecto técnico: trata-se de uma prática afetiva, educativa e ética, sustentada pelo compromisso com o respeito à pessoa humana. O enfermeiro, ao compreender a totalidade do processo de adoecimento, contribui de maneira decisiva para o fortalecimento da dignidade e da autonomia do paciente, reafirmando os princípios fundamentais da profissão e o papel transformador da enfermagem na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Doença de Alzheimer é uma realidade crescente no contexto do envelhecimento populacional e impõe desafios significativos à enfermagem. Diante desse cenário, a atuação do enfermeiro torna-se indispensável, uma vez que ele é o profissional mais próximo do paciente e o principal responsável por garantir um cuidado ético e humanizado. Com base na revisão dos estudos, conclui-se que a

promoção da dignidade e da autonomia da pessoa com Alzheimer é um compromisso essencial da enfermagem. Mesmo diante da perda progressiva de capacidades cognitivas, é possível preservar a individualidade, a história e o valor humano do paciente. O enfermeiro tem a missão de assegurar que o cuidado não se reduza a procedimentos, mas se traduza em acolhimento e respeito. A autonomia, ainda que limitada pela doença, deve ser estimulada de forma contínua. Permitir que o paciente participe de pequenas decisões e valorizar suas preferências reforça sua dignidade e mantém o sentido da vida. Nesse processo, o enfermeiro precisa agir com sensibilidade e ética, reconhecendo o paciente como sujeito de direitos e de afeto. Além disso, o enfermeiro desempenha papel educativo fundamental, orientando os familiares e cuidadores para que o cuidado se estenda além do ambiente hospitalar. O suporte emocional à família é também uma forma de cuidar, pois ela é parte essencial no tratamento e no conforto do paciente. Conclui-se, portanto, que a enfermagem, ao promover dignidade e autonomia, reafirma sua identidade como ciência do cuidado e do amor. Através da empatia, do conhecimento e do compromisso ético, o enfermeiro transforma o ato de cuidar em um gesto de humanidade e respeito à vida, mesmo quando a memória se apaga, o amor e a presença do cuidado permanecem.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ANJOS, Z. S. dos et al. **O cuidado de enfermagem na Doença de Alzheimer**: o que tem sido publicado sobre os cuidados ao idoso com Alzheimer. *Research, Society and Development Journal*, v. 11, n. 3, p. 1-10, 2022.

BATURE, F. et al. **Signs and symptoms preceding the diagnosis of Alzheimer's disease**: a systematic review of primary care records. *BMC Geriatrics*, v. 17, n. 1, p. 132-142, 2017. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC5724073/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BUENO, F. M. G.; QUEIROZ, M. S. **O enfermeiro e a construção da autonomia profissional no processo de cuidar**. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 59, n. 2, p. 222-227, 2006.

BURLÁ, C.; PESSINI, L.; SIQUEIRA, J. E.; NUNES, R. **Envelhecimento e Doença de Alzheimer: reflexões sobre autonomia e o desafio do cuidado**. Revista Bioética, Brasília, v. 22, n. 1, p. 85-93, 2014.

EBC – AGÊNCIA BRASIL. **Alzheimer afeta cerca de 1,2 milhão de pessoas no Brasil**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202310/alzheimer-condicao-afeta-1-2-milhao-de-pessoas-no-brasil>. Acesso em: 01 nov. 2025.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE ALZHEIMER (FEBRAZ). **Relatório mundial de Alzheimer 2024: um alerta urgente sobre a demência**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://febraz.org.br/>. Acesso em: 11 out. 2025.

FREIRE, M. et al. **Cuidados de enfermagem para a pessoa idosa com Doença de Alzheimer fundamentados na Teoria do Conforto de Kolcaba**. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 7, n. 4, p. 1468-1482, 2025.

KRUG, M. R. et al. **Autonomia em idosos com Doença de Alzheimer: contribuições do projeto Estratégias de Diagnóstico e Reabilitação Social de Idosos Dependentes**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 833-848, 2015.

MENDES, C. F. M. et al. **O cuidado na Doença de Alzheimer: representações de cuidadores familiares considerando a Teoria das Representações Sociais**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 1021-1035, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Relatório nacional sobre a demência estima que cerca de 8,5% da população idosa convive com a doença**. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/>. Acesso em: 09 set. 2025.

PETRY, S. et al. **Autonomia da enfermagem e sua trajetória na construção de uma profissão**. História da Enfermagem Revista Eletrônica, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 66-75, 2019.

RAMOS, A. A.; BAMPI, L. N. S.; LUNARDI, V. L. **Atuação dos enfermeiros ante aos direitos dos pacientes: tomada de decisão, identidade e autonomia pessoal**. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiânia, v. 20, n. 54, p. 1-9, 2018.

RIBEIRO, C. F. **Doença de Alzheimer: a principal causa de demência nos idosos e seus impactos na vida dos familiares e cuidadores.** Monografia – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SAFIRI, S. et al. **Alzheimer's disease:** a comprehensive review of pathophysiology, diagnosis and management. *Frontiers in Medicine*, v. 11, n. 1474043, p. 1-15, 2024. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fmed.2024.1474043/full>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SILVA, P. V. C. et al. **A família e o cuidado de pessoas idosas com Doença de Alzheimer no contexto domiciliar: mapeamento de evidências científicas.** *Revista da Escola de Enfermagem da USP, São Paulo*, v. 57, e20230122, 2023.

SOUZA, M. L. et al. **O cuidado em enfermagem: uma aproximação teórica.** *Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis*, v. 14, n. 2, p. 266-270, 2005.